



OS DESAFIOS DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Jheimilly Ane Fogaça Dionizio¹ - PUCPR
Raysa Zella de Souza² - PUCPR

Eixo—Alfabetização, Leitura e Escrita
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O presente artigo aborda o tema alfabetização, estabelecendo sua problemática educacional, refletindo acerca de seu conceito, suas características principais durante a construção do conhecimento e a influência dessas concepções na prática pedagógica do professor-alfabetizador. Assim, com essa pesquisa se busca conhecimentos de como superar os desafios encontrados no processo de alfabetização, diante da perspectiva do docente, sendo seu objetivo geral analisar os desafios encontrados na alfabetização, sob a perspectiva do professor. A pesquisa foi realizada por meio da abordagem qualitativa e pelo procedimento de pesquisa de campo, utilizando a observação participante para obter dados. A pesquisa de campo ocorreu em uma turma do primeiro ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, no qual foi desenvolvido uma intervenção pedagógica intitulada Ler e Escrever com os Animais. As principais autoras utilizadas foram Emilia Ferreiro (2011) e Miriam Lemle (2009). Essas duas autoras se complementam, pois Ferreiro (2011) define os períodos que a criança evolui para alcançar a escrita convencional e Lemle propõe atividades e reflexões para lidar e superar cada período, fazendo com que seja respeitado o tempo de aprendizagem e os conhecimentos prévios da criança. Antes de propor alguma atividade de alfabetização é necessário conhecer os estudantes, o contexto no qual estão inseridos, suas hipóteses de construção da escrita e seus interesses. Assim as intervenções precisam de atividades diferenciadas de acordo com a necessidade de cada educando, ludicidade e trabalho cooperativo. Para o alfabetizador essas questões exigem tempo, empenho e formação continuada, sendo desafiador se considerar as condições de trabalho oferecidas.

Palavras-chave: Desafios. Docente. Alfabetização.

Introdução

Este artigo trata do processo de alfabetização, no que diz respeito aos desafios encontrados pelos docentes no estabelecimento da relação entre a teoria e a prática. A

¹Estudante da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Curso de Licenciatura em Pedagogia, 7º período, manhã. Contato: jheimilly@live.com.

²Estudante da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Curso de Licenciatura em Pedagogia, 7º período, manhã. Contato: raysa.zella@gmail.com.

necessidade deste estudo surgiu durante o desenvolvimento de um projeto de intervenção pedagógica realizada por duas estagiárias do curso de Pedagogia.

O processo de alfabetização é desafiador tanto para o alfabetizado quanto para o professor alfabetizador, logo, como o docente pode superar os desafios encontrados neste processo? Diante deste problema, este estudo tem por objetivo analisar os desafios encontrados na alfabetização, sob a perspectiva do docente, caracterizar o processo de alfabetização no ensino fundamental regular, identificar os desafios encontrados pelo professor no decorrer deste processo e por fim propor possíveis soluções para superar tais desafios.

Para alcançar tais objetivos, este estudo pautou-se na pesquisa de abordagem qualitativa, tendo a pesquisa de campo como principal procedimento metodológico, na qual foi optado por coletar os dados por meio da observação participante e da pesquisa bibliográfica, dados estes analisados por meio do registro escrito reflexivo e registro fotográfico.

Os principais autores utilizados para a reflexão teórica do tema foram Emilia Ferreiro (2011), Miriam Lemle (2009). Para Ferreiro (2011) as crianças, quando possuem bastante contato com a leitura e escrita, constroem hipóteses sobre como se utiliza o sistema alfabético, são elas pré-silábica, silábica, silábica-alfabética e alfabética, esses períodos caracterizam a evolução da criança a respeito de seus conhecimentos sobre a escrita. Para trabalhar com as características que cada nível de hipótese, Miriam Lemle (2009) propõem atividades que ajudam a criança a se preparar para o momento de alfabetização e, posteriormente, descreve como é possível a alcançar o nível de hipótese alfabética. Além disso, foi empregado de Cagliari (2008) o conceito de alfabetização que referendou a pesquisa.

Para desenvolver as implicações teóricas e práticas que os autores mencionados trazem sobre alfabetização é necessário tempo, do docente e do discente. Do discente porque esse processo educacional requer a elaboração de muitos conceitos e do docente porque as atividades em sala de aula requerem planejamento e reflexão para que se tornem lúdicas, significativas e acompanhe o processo de aprendizagem de cada estudante. Desse modo, o professor-alfabetizador necessita estar em constante formação, fundamentando e aperfeiçoando suas aulas.

Referencial Teórico

O processo de alfabetização é desafiador, tanto para o discente, que está sendo alfabetizado, quanto para o docente, a quem incube a responsabilidade de alfabetizar. A

concepção de alfabetização assumida neste estudo se referenda em Cagliari (2008, p.05) que a explica como “aprendizagem da escrita e da leitura”, ou seja, a “codificação” e a “decodificação” da escrita.

Mesmo que essa forma de pensar a alfabetização pareça simples, há muitos desafios enfrentados pelo professor para que o estudante compreenda esse processo. Conforme Miriam Lemle (2009) antes de ocorrer a atividades de alfabetização, o aprendiz necessita construir alguns conceitos. O primeiro é pensamento simbólico, ou seja, é preciso relacionar os sons da fala com as letras do alfabeto, dessa maneira o professor alfabetizador desenvolve atividades para que a criança “consiga compreender o que seja relação simbólica entre dois objetos” (LEMLE, 2009, p.8). Esse processo exigirá muito empenho do professor, além de tempo para que esse pensamento seja construído.

O segundo requisito para alfabetização é a criança ser capaz de poder diferenciar as letras. Existem letras no sistema alfabético que tem sons parecidos, logo, o professor precisa explicar para as crianças que as letras não são parecidas com os objetos do cotidiano:

note que os objetos manipulados em nosso dia a dia não se transformam ao mudarem de posição [...]. Mas um *b* com a haste para baixo vira *p* e um *p* virado para o outro lado vira *q*. [...] A criança que não leva em conta conscientemente essas percepções visuais finas não aprende a ler. (LEMLE, 2009, p.8)

Há ainda a necessidade de trabalhar a organização espacial da escrita, o educando precisa compreender que, no sistema alfabético, se escreve da esquerda para direita e de cima para baixo. Para isso, o professor pode “colocar pequenos textos na pedra, [...] apontando para as palavras correspondentes à medida que a recitação vai prosseguindo” (LEMLE, 2009, p.15), desse modo a criança pode memorizar a ordem da escrita e transpor isso no papel.

Para Ferreira (2011) há a necessidade de oportunizar a escrita para as crianças mesmo antes de iniciar o processo de alfabetização, mesmo que ela ainda não saiba. Essas tentativas de escrita permitem que a criança elabore hipóteses e aprenda sobre o funcionamento e a utilidade do sistema alfabético.

Após lidar com os problemas de percepção da criança, se inicia a alfabetização. Primeiramente o professor precisa ter clareza de que o processo de aprendizagem é diferente para cada discente:

o próprio conjunto de conhecimentos construídos anteriormente ao ingresso à escola não é uniforme. Alguns alunos chegam à sala de aula já tendo certa familiaridade com as letras, sabendo nomeá-las e, alguns, até entendendo a lógica de junção dessas letras

para formar palavras; outros chegam sem compreender que os símbolos que usamos (letras) são convenções sociais e acham que podem escrever com rabiscos ou mesmo com desenhos. (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005, p.90)

Assim, o docente deve diagnosticar como ocorreu os caminhos de aprendizagem da criança e seus entendimentos sobre a língua escrita. Convenientemente, Ferreiro (2011) apontam que as hipóteses elaboradas pelas crianças sobre a escrita alfabética seguem uma evolução:

- a) Hipótese Pré-silábica: a criança sabe diferenciar imagens de letras e palavras, porem acredita que existe uma relação entre as formas gráficas da escrita e seus significados. Com essa lógica ocorre com a criança o realismo nominal em que se acredita que as palavras têm relação com as características dos objetos que elas representam;
- b) Hipótese silábica: se estabelece relação entre a escrita e a fala, no qual a criança corresponde a cada sílaba falada com uma letra, sem as repetir. Existe dois eixos nessa fase, o quantitativo e qualitativo. No quantitativo a criança relaciona as sílabas com letras aleatórias, ou seja, as letras são usadas sem conceber seu valor sonoro, essas letras são, geralmente, as letras que compõe o nome da criança. No eixo quantitativo, as crianças usam as letras, geralmente vogais, conforme seu valor sonoro convencional;
- c) Hipótese silábica-alfabética: nesse período a criança se prepara para construir um novo processo de escrita, pois o processo silábico se desestabiliza progressivamente quando a criança descobre que uma sílaba é formada por elementos menores;
- d) Hipótese alfabética: ocorre a compreensão do sistema de escrita, no qual a criança consegue identificar e construir palavras, pois reconhece os fonemas da língua.

Como os educandos possuem níveis de aprendizagem e necessidades diferentes, o professor possui mais um desafio: atender à todas as demandas que a turma oferece e escolher as melhores atividades para cada aprendiz. “Se, além disso, soubermos atuar com todos eles ao mesmo tempo, atendendo às diferentes demandas e auxiliando-os, teremos construído um belo perfil conquanto professor(a)-alfabetizador(a).” (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005, p.91)

Para desenvolver as atividades que favoreçam ao estudante o alcance da hipótese alfabética, o docente precisa encarar também os desafios linguísticos do processo de “codificação” e “decodificação”. Para isso, é preciso o desenvolvimento da consciência

fonológica, esse termo é usado para designar a “capacidade humana de reflexão consciente sobre a linguagem” (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005, p.73) que exige conjuntos de habilidades “com níveis de complexidade variados” (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005, p.75).

Miriam Lemle (2009) também menciona sobre a relevância da criança ter consciência dos sons da fala e destaca a importância de ouvir atentamente, pois “se as letras simbolizam sons da fala, é preciso ouvir diferenças linguisticamente relevantes entre esses sons, de modo que se possa escolher a letra certa para simbolizar cada som” (LEMLE, 2009, p. 09). Posteriormente, é necessário saber separar as palavras conforme seu conceito, “o tipo de dificuldade na apreensão de unidades vocabulares que se observa muitas vezes na prática de ensino são coisas como *umavez*, *minhavó*, ou seja, falta de separação onde existe uma fronteira vocabular” (LEMLE, 2009, p. 11).

Morais, Albuquerque e Leal (2005) propõe para cada nível uma atividade de consciência fonológica que ajudam os educandos a avançarem em suas hipóteses. Para uma criança superar o realismo nominal, característica presente no nível de hipótese pré-silábica, e perceber que a palavra *boi* é menor que a palavra *formiga* é essencial que ela reflita sobre sua fala com a mediação do professor no trabalho com os fonemas. Com isso o estudante atinge a hipótese silábica, no qual definirá uma letra para cada sílaba da palavra, buscando o avanço para o nível de hipótese alfabética, o docente pode usar letras recortadas para proporcionar reflexão sobre a quantidades de sons e letras nas sílabas. Portanto, “para alcançar hipóteses silábicas, silábico-alfabéticas e alfabéticas de escrita, os aprendizes precisarão pensar na sequência de partes sonoras das palavras” (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005, p.87).

Ao alcançar o nível de hipótese alfabética, o professor enfrenta outro problema que condiz com a Língua Portuguesa: muitas palavras faladas não correspondem com sua forma escrita. Há uma tendência de falar palavras que terminam com E e O serem substituídas, respectivamente, por I e U ou ser pronunciado U quando palavras possuem L:

o professor deve estar apto a explicar que a posição precisa ser levada em conta para a correspondência entre sons e letras. Assim, no fim das palavras é a letra O que transcreve o som [u], e é a letra E que transcreve o som [i]. Em relação ao fim de sílaba, ocorreu na região em que vivemos uma mudança de pronuncia do L e por isso pronunciamos como [u] essa partezinha da palavra que nossos avós pronunciavam como [l]. (LEMLE, 2009, p. 20).

Mesmo que os aspectos citados acima sejam importantes para a alfabetização, atualmente se exige da escola um avanço na questão da leitura e escrita, pois somente o

conhecimento sobre “codificação” e “decodificação” não assegura que os estudantes sejam capazes de produzir e interpretar vários gêneros textuais. Assim, o “conceito de alfabetização passou a ser vinculado a outro fenômeno: o letramento” (SANTOS; MENDONÇA, 2007, p.16) e com isso o professor se defronta com o desafio de alfabetizar letrando.

O letramento demanda a leitura e produção de diversos gêneros de textos que circulam socialmente com o intuito de formar leitores críticos e cidadãos que consigam interpretar vários textos, entendendo sua estrutura e forma de comunicação. “Alfabetizar letrando é, portanto, oportunizar situações de aprendizagem da língua escrita nas quais o aprendiz tenha acesso aos textos e a situações sociais de uso deles, mas que seja levado a construir a compreensão acerca do funcionamento do sistema de escrita alfabético” (SANTOS; MENDONÇA, 2007, p.98).

Para que as aulas de alfabetização atendam a estas demandas também, os planejamentos didáticos preveem o convívio com diversos textos e o trabalho com as palavras desses textos, para que reflitam sobre o sistema alfabéticos como abordado anteriormente:

assim, acreditamos que, através da atividade de planejar, podemos refletir sobre nossas decisões, considerando as habilidades e os conhecimentos prévios dos alunos, e podemos conduzir melhor a aula, prevendo dificuldades dos alunos, organizando o tempo de forma mais sistemática e avaliando os resultados obtidos. (SANTOS; MENDONÇA, 2007, p. 76)

Por conseguinte, para uma atividade de consciência fonológica considerar o nível de hipótese que a criança se encontra, o nível linguístico que a tarefa exige e as mudanças ocorridas na fala, é preciso planejamento, reflexão e aperfeiçoamento da prática pedagógica.

Procedimentos Metodológicos

Este estudo foi realizado por meio de um projeto de intervenção pedagógica intitulado Ler e Escrever com os Animais, desenvolvido com uma turma de primeiro ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, de uma escola pública da cidade de Curitiba, contando com a participação de vinte e quatro crianças com idades entre quatro e cinco anos. Logo, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, que enfatiza a “compreensão e a explicação da dinâmica das relações sociais” (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, p. 32).

Sendo assim, o procedimento utilizado para a coleta de dados foi a pesquisa de campo, caracterizada pela inserção do pesquisador na realidade a ser estudada, e as técnicas abordadas foram: a observação participante – observação na qual o pesquisador interage com o objeto a ser estudado, deixando de ser apenas um observador passivo, que apenas observa sem interferir;

a pesquisa bibliográfica – caracterizada pela revisão teórica com o objetivo de estabelecer contato com o que já foi publicado referente ao objeto de estudo; o registro escrito reflexivo – no qual são registradas “especulações, sentimentos, problemas, dúvidas, surpresas [...]” (ENS, 2008) de forma reflexiva, favorecendo o processo de ação-reflexão-transformação da prática docente e o registro fotográfico.

Apresentação e Discussão dos Dados

Em um projeto de intervenção pedagógica, intitulado Projeto Ler e Escrever com os Animais desenvolvido em uma turma de primeiro ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pode-se perceber os desafios encontrados no processo de alfabetização, sob a perspectiva docente. Durante o desenvolvimento do projeto foram encontrados três desafios, que serão identificados e discutidos nos subitens a seguir.

Desafio I: Caracterização do Alunado Quanto aos Níveis de Escrita Infantil

Na primeira etapa do projeto mencionado acima, foi realizada uma atividade de sondagem, visando observar em qual nível da escrita a turma se encontrava. Tratou-se de uma atividade de mobilização para o projeto, que teve como objetivo o registro por meio da escrita de nomes de animais, abordando a linguagem escrita. Nesta fase do projeto, as crianças foram orientadas a escrever nomes de animais, da forma que acreditassem estar correto, logo, as professoras não interferiram na escrita das crianças, pois isso dificultaria a sua análise.

É importante ressaltar que as atividades desenvolvidas devem estar próximas a realidade das crianças, de modo a proporcionar uma aprendizagem significativa, que corresponde a uma aprendizagem “plena de sentido para o educando” (LOUREIRO, 2005, p. 55), uma vez que, ao considerar o contexto no qual as crianças estão inseridas, possibilita-se a participação efetiva dos estudantes no desenvolvimento das atividades.

Dessa forma, por meio da atividade de sondagem foi possível observar que em uma turma com vinte e cinco crianças, quatro correspondiam ao nível pré-silábico, duas ao silábico, seis ao silábico-alfabético, e treze ao alfabético. Portanto, as crianças são capazes de se expressar por meio da escrita, porém, cada uma a sua maneira, de acordo com o nível de escrita que se encontra.

Logo, esta atividade inicial oferece ao professor subsídios para que o mesmo conheça os seus alunos, pois no processo de alfabetização, o docente deve "[...] pensar em cada aluno, em suas características e suas necessidades, para desenvolver atividades que permitam intervenções pedagógicas mais específicas em determinados momentos" (GONÇALVES, 2016, p.54), sendo assim, antes de dar início a sequência de atividades, evidencia-se a necessidade de realizar uma atividade de sondagem, que permita ao professor coletar dados sobre seus alunos, percebendo em qual nível da escrita eles se encontram.

Desafio II: Atividades Diferenciadas

A atividade de sondagem evidencia a diversidade com relação a escrita das crianças em uma mesma turma, o que pressupõe o desenvolvimento de atividades diferenciadas visando oferecer à cada criança, atividades de acordo com o seu desenvolvimento, pois é um equívoco esperar que todas as crianças realizem a mesma atividade, uma vez que, os desafios da escrita são diferentes em cada nível da escrita.

Para tanto, na segunda etapa do projeto, cada criança teve a oportunidade de realizar atividades coerentes ao nível de escrita no qual se encontravam, atividades estas que visavam trabalhar a necessidade de cada criança, para que todas pudessem evoluir e chegar ao mesmo nível, promovendo assim, a equidade na educação, que por sua vez, "significa disponibilizar a todos e a cada um o necessário para sua emancipação social", uma vez que, "oferecer o mesmo a todos não garante o direito, ao contrário, caracteriza-se pela injustiça social" (CURITIBA, 2014).

Segundo Ferreiro (2011), no nível pré-silábico a criança encontra dificuldades para estabelecer a distinção entre o modo de representação icônico (imagens visuais) e não icônico (símbolos da escrita alfabética), assim sendo, para esta fase da escrita, há a necessidade de desenvolver atividades nas quais a criança estabeleça relações entre palavras e figuras, para que ela perceba que a palavra não tem relações com as figuras, e sim com as pautas sonoras. De acordo com a mesma autora, no nível silábico a criança descobre que "a quantidade de letras com que se vai escrever uma palavra pode ter correspondência com a quantidade de partes que se reconhece uma emissão oral" (FERREIRO, 2011, p. 27), ou seja, a criança acredita que para cada sílaba há uma letra, logo, há a necessidade de promover atividades em que as crianças organizem as sílabas a fim de formar palavras, de modo a perceber que algumas sílabas possuem mais de uma letra. Já no nível silábico-alfabético, caracterizada pela transição entre o nível

silábico para o alfabético, pode-se desenvolver atividades cujo objetivo é organizar as letras de modo a formar palavras. Por fim, no nível alfabético “a criança descobre que a sílaba não pode ser considerada como uma unidade, mas ela é, por sua vez, reanalisável em elementos menores” (FERREIRO, 2011, p. 29), logo, para estas crianças pode ser elaborada atividades que enfatizem a leitura, como por exemplo uma caça-palavras.

Todavia, planejar atividades diferenciadas pensando nas necessidades de cada criança, exige do docente tempo e empenho, pois não se trata apenas de elaborar atividade, é necessário o estudo de cada nível da escrita e seleção de material de apoio. Além da disponibilidade para atender cada criança no desenvolvimento das atividades, tendo em vista que em uma turma existem aproximadamente trinta crianças e cada uma requer uma atenção especial.

Desafio III: A Ludicidade no Processo de Alfabetização

O processo de alfabetização é um dos mais importantes da vida escolar das crianças, pois a escrita corresponde a uma forma de expressão da linguagem, que por sua vez favorece “as relações pessoais e institucionais e a participação da vida em sociedade” (BRASIL, 2016, p. 86), pois é por meio das práticas de linguagem que os sujeitos “(inter)agem no mundo e constroem significados coletivos” (BRASIL, 2016, p. 86). Logo, em diversas instituições este processo ocorre de forma maçante, desprezando a ludicidade.

A ludicidade no que lhe diz respeito, é de suma importância nos processos de ensino e aprendizagem, logo, no processo de alfabetização não seria diferente. Diante desta perspectiva, Albrecht (2009), afirma que a ludicidade proporciona momento de prazer, descontração e aprendizagem para as crianças, além de permitir que as crianças aprendam brincando.

Considerando esta concepção, na terceira etapa do projeto de alfabetização em questão, foi desenvolvida uma atividade caracterizada por um jogo de tabuleiro, cujo objetivo foi incentivar a escrita, pois as crianças deveriam escrever os nomes dos animais presentes no jogo proposto. Neste jogo, as crianças jogaram um dado e serviram como marcadores no tabuleiro, deslocando-se de acordo com a quantidade representada no número do dado. E cada casa do tabuleiro correspondia a um animal, então, a crianças deveria escrever o nome do animal ao lado da sua figura. Ao término do jogo, as crianças escreveram em uma folha os nomes de todos os animais presentes no jogo. Dessa forma, o jogo serviu como momento inicial da atividade, mais especificamente uma mobilização para o conhecimento, pois o jogo chamou

a atenção das crianças, e de certa forma as incentivou a realizar a atividade por meio da prática de escrita.

Portanto, é possível incluir a ludicidade no processo de alfabetização, porém, requer a criatividade do docente do momento do planejamento, tendo em vista que a alfabetização não deve ser maçante, mas também não pode ser trocada apenas pelas brincadeiras, uma vez que, no ciclo I dos anos iniciais do ensino fundamental, tem como objetivo desenvolver no estudante a capacidade de “compreender o sistema de escrita alfabética, dominando as relações grafofônicas, a fim de ler, produzir textos e perceber a função deles nas práticas sociais” (CURITIBA, 2016, p. 31). Todavia se trata de crianças com idades entre quatro e cinco anos, de acordo com o art. 6º da LBD³, que tornou obrigatória a matrícula de crianças a partir dos quatro anos de idade no primeiro ano da educação básica, crianças que até então estariam na pré-escola, onde a ludicidade é abordada frequentemente respeitando o desenvolvimento das crianças, logo, seria um equívoco não abordá-la no primeiro ano durante o processo de alfabetização.

Considerações Finais

A alfabetização é desafiadora para a prática docente e por essa razão esse estudo buscou esclarecimentos de como superar os desafios encontrados neste processo diante da perspectiva do docente, objetivando caracterizar seu desenvolvimento no ensino fundamental regular e identificar os obstáculos encontrados pelo professor no decorrer do mesmo, propondo possíveis soluções para superá-los.

Ao analisar alguns referenciais teóricos se percebeu que os desafios encontrados ocorrem antes do ensino da leitura e escrita, pois as crianças precisam estar preparadas para a alfabetização. Algumas não possuem pensamento simbólico e organização espacial, assim é necessário que o professor ensine que um objeto pode ser representado por outro, sendo que, na escrita alfabética existe uma ordem específica.

Posteriormente é necessária a compreensão de que as letras representam um som da fala, para isso o professor deve desenvolver com o estudante a consciência fonológica. Ferreiro (2011) afirma que para a criança adquirir a lógica da representação de sons da fala pelas letras, ela elabora hipóteses sobre o sistema de escrita. Assim o professor primeiramente precisa

³Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Nº 9.394/96

realizar uma sondagem a fim de diagnosticar se a criança está no nível pré-silábico, silábico, silábico-alfabético ou alfabético. Uma das formas de se chegar a esta inferência pode ser utilizando a atividade proposta do projeto Ler e Escrever com os Animais, onde se chega ao resultado de como determinado grupo de alunos tem diferentes níveis de hipóteses sobre o sistema de escrita. Depois se propõe atividades diferenciadas para cada criança conforme seu nível, sendo possível promover a colaboração entre os discentes.

Alfabetizar letrando é outro desafio a se superar que ocorre durante o processo, pois não carece apenas o estudante “codificar” e “decodificar”, ele precisa interpretar e produzir textos de diversos gêneros. Uma possível solução para esse problema é a leitura de diversas variedades textuais em aula e a utilização de palavras encontradas no texto para o trabalho de alfabetização.

Por meio da pesquisa e estudo desenvolvido, se percebe que o tempo para a alfabetização é curto com relação ao estipulado pelas autoras e referenciais teóricos. Todo o processo requer cuidados, estudos e preparações antes da prática em sala de aula, para que se possa desenvolver o educando conforme suas necessidades. Assim, é preciso um estudo de planejamento das atividades, para que o professor, com o tempo que possui para elaborar as atividades, consiga desenvolver tarefas atraentes, intencionais e, posteriormente, consiga refletir sobre sua prática pedagógica.

Além disso, foi percebida a necessidade de formação continuada, pois o embasamento teórico que se recebe durante a academia, é insuficiente se comparado às técnicas e procedimentos que se precisa dominar.

Logo, evidencia-se que a necessidade da formação continuada, no que diz respeito a alfabetização, se encontra deficiências quanto as metodologias alfabetizadoras na formação inicial do docente. Acredita-se que tal déficit se deve ao fato de que a disciplina de linguagem e alfabetização é desenvolvida em um curto período de tempo, o que restringe o aprofundamento de questões relacionadas a este processo.

REFERÊNCIAS

ALBRECHT, Tatiana D'ornellas. **Atividades lúdicas no ensino fundamental**: uma intervenção pedagógica. Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2009. 106 p.

BRASIL, **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: MEC, 2016.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases. **Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: 2009. 5-11 p.

CURITIBA, Prefeitura Municipal de Educação. **Plano Curricular Preliminar**. Curitiba: 2016. Disponível em: < <http://multimedia.educacao.curitiba.pr.gov.br/2016/3/pdf/00099954.pdf>> Acesso em: 06 nov. 2016.

CURITIBA, Prefeitura Municipal de. **Projeto Equidade na Educação**. Curitiba: 2015.

ENS, Romilda Teodora. **Pesquisa em educação**. Curitiba: 2008.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 26 ed. São Paulo: Cortez, 2011. 23-42 p.

GONÇALVES, Angela Vidal. Alfabetizar: por onde começar? In: GOULART, Cecília M. A.; SOUZA, Marta Lima de (coord.). **Como alfabetizar? Na roda com professoras dos anos iniciais**. Campinas: Papyrus, 2016. Cap. 3. 45-56.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do Alfabetizador**. 17 ed. São Paulo: Ática, 2009. 71p.

LOUREIRO, Stefânie Arca Garrido. **Alfabetização: uma perspectiva humanista e progressista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Disponível em: <<http://www.portalceel.com.br/publicacoes/#ancora>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

SILVEIRA, Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: _____. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Cap. 2, p. 31-42. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>> Acesso em: 17 out. 2016.